

A atribuição do santuário de Casa Marafioti a Zeus Olímpio em Lócris Epizefiri: um exercício de interpretação

Lilian de Angelo Laky *

LAKY, L.A. A atribuição do Santuário de Casa Marafioti a Zeus Olímpio em Lócris Epizefiri: um exercício de interpretação. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 11: 151-158, 2011.

Resumo: Neste artigo apresentaremos os caminhos interpretativos que nos levaram à atribuição do santuário de Casa Marafioti a Zeus Olímpio na antiga pólis de Lócris, localizada na atual região italiana da Calábria. Na bibliografia sobre a cidade permanecem dúvidas sobre o pertencimento da área sagrada e de seu templo dórico a Zeus em razão da ausência de testemunhos que identifiquem a divindade cultuada no santuário e do desconhecimento da função de um muro de época grega que separa o santuário dos arquivos de Zeus Olímpio. Diante de evidências problemáticas do espaço sagrado queremos mostrar como o templo dórico e o contexto edílico dessa pólis forneceram elementos alternativos e importantes para a elucidação do culto da maior divindade dos gregos em Lócris Epizefiri.

Palavras-chave: Lócris Epizefiri – Zeus Olímpio – Olimpiéion.

Lócris Epizefiri foi fundada no final do século VIII a.C. por gregos vindos da Lócrida, região situada na atual Grécia Central. O sítio está localizado nos distritos de Locri e de Portigliola, na região da Calábria banhada pelo Mar Jônico (Fig.1). No setor leste da pólis, próximo aos muros e em posição elevada e dominante, está o santuário de Zeus Olímpio, ou de Casa Marafioti, situado sobre o platô de Contrada Cusemi, que se estende até a planície. A área sagrada é urbana, distante 100 metros a noroeste do teatro e a cerca de 90 metros ao norte do arquivo de Zeus Olímpio, estando todo o complexo de estruturas entre os vales de Milligri (a oeste) e de Saitta (a leste). No século XIX, a família Marafioti construiu sua casa sobre

a área sagrada, principalmente sobre parte das fundações do Olimpiéion, o templo de Zeus Olímpio.¹

Os estudiosos de Lócris Epizefiri associaram este santuário ao arquivo de Zeus Olímpio descoberto em 1959, portanto quase 50 anos depois das escavações de Paolo Orsi. Situada próxima ao santuário (apenas 90 metros a sul), a *teca*² – como foi chamado o fosso de pedra que

(1) Este artigo foi adaptado do capítulo 3, item 3.2, de nossa dissertação de mestrado. Para a versão integral do texto, com os mapas, plantas e imagens dos achados do Olimpiéion de Casa Marafioti, ver Laky 2011: 109-139.

(2) A palavra italiana *teca* tem origem na palavra grega θήκη (“caixa”, “cofre”) e no verbo grego τίθημι (“colocar”) (Bailly 2000: 419; 868). Conservamos a palavra italiana porque a sua tradução para o português como “fosso de pedra” ocasionaria a perda de seu valor referencial em meio às outras estruturas construídas na pólis.

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Mestre em arqueologia, doutoranda em arqueologia. <lilian.laky@usp.br>

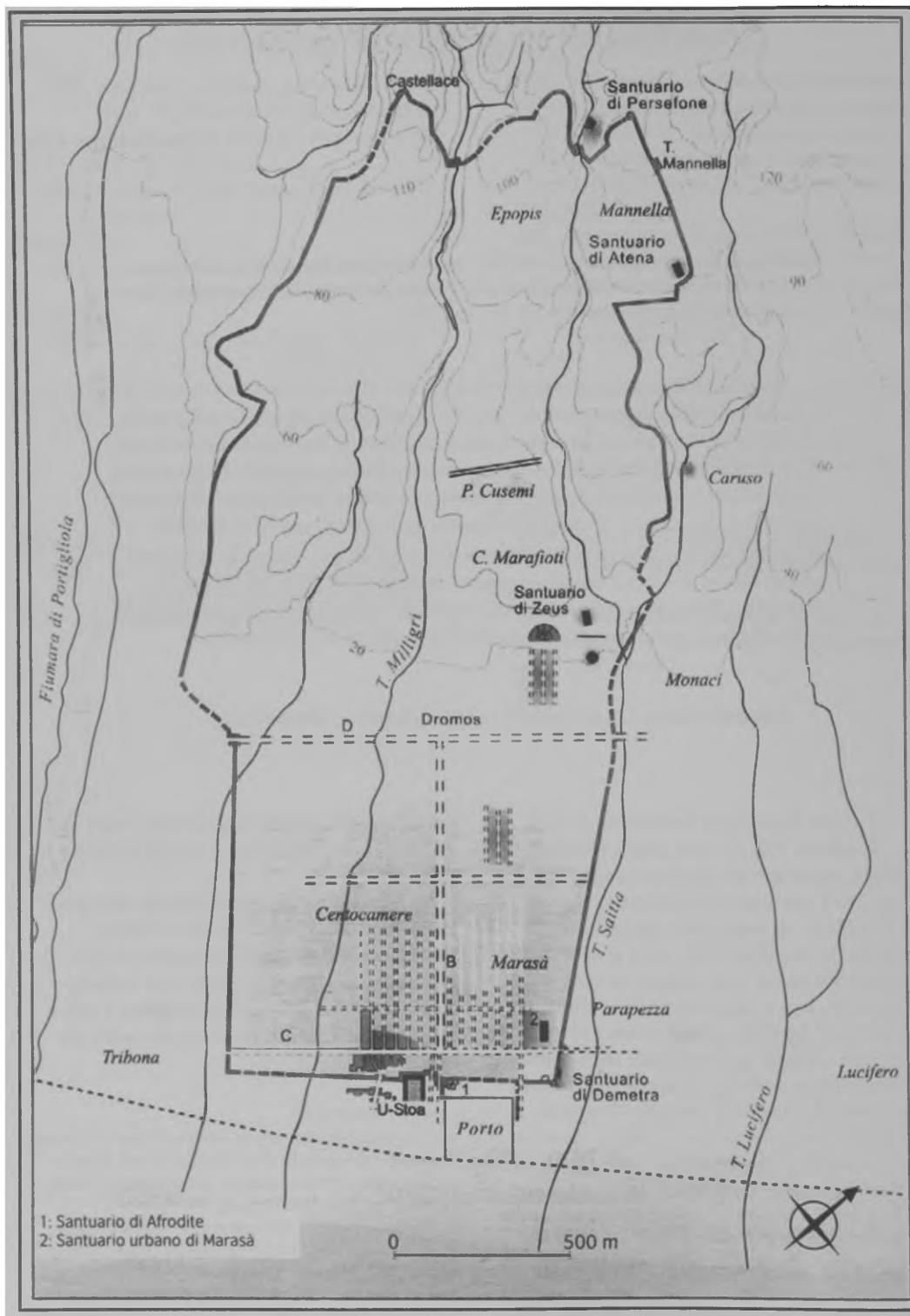


Fig. 1. Planimetria de Lócris Epizefiri (Greco 2008: 142).

guardava 39 lâminas de bronze contendo registros sobre operações financeiras dos magistrados de Lócris e empréstimos feitos ao santuário de Zeus Olímpio – foi descoberta durante trabalhos agrícolas (Costamagna e Sabbione 1990: 261). As 39 lâminas de bronze datam do período democrático de Lócris, portanto ao redor da segunda metade do século IV a.C. e da primeira metade do século III a.C., e constituem uma documentação única em todo o mundo grego e uma excepcional fonte de informação sobre a vida e a organização política da cidade no período (Costamagna e Sabbione 1990: 164 e 261).

Sabemos que as informações nas lâminas se referem a um santuário dedicado a Zeus Olímpio porque o seu nome aparece duas vezes na lâmina de bronze número 9 e o nome Olimpiéion na número 21. E o nome de Zeus também ocorre em outras 8 lâminas.

Embora tenhamos assumido a área sagrada de Casa Marafioti como o santuário lócrio de Zeus Olímpio, ressaltamos que na bibliografia relativa à cidade permanecem dúvidas. Segundo os autores, o grande problema em relacionar o santuário de Casa Marafioti (a área sagrada conhecida mais próxima) à teca do arquivo de santuário de Zeus Olímpio é o desconhecimento da função do muro Pirettina, escavado por P. Orsi em 1910, que separava o santuário da teca. O denominado muro de Contrada Pirettina era orientado leste-oeste e se ligava a leste provavelmente ao vale Saitta. É possível que essa estrutura murária fosse o peribolo (muro do témeno) do santuário de Casa Marafioti, ou o analemma de sustentação da colina, ou ainda, como pensou P. Orsi, tenha tido função militar além da de sustentação (Costamagna e Sabbione 1990: 63-64; Costabile 1992: 37 e 39).

Embora muitos especialistas aleguem que a distância entre os dois monumentos é razoável e o desnível do solo é notável, se a estrutura murária em questão for o muro do témeno do santuário de Casa Marafioti, que servia para separar a área sagrada daquela que não era, a teca, então, não pertenceria ao santuário, não sendo a área dedicada a Zeus Olímpio. Mas se o muro foi feito para segurar o terraço do templo, as chances da teca pertencer ao santuário são grandes. De todo modo, nenhuma outra estrutura de muros, que pudesse ser um peribolo (como pode ser o muro de Contrada Pirettina) foi encontrada na área. As outras estruturas murárias da região estão

mais distantes, como é o caso do muro Cusemi, a 400 metros nordeste da Casa Marafioti, e o muro Callipari, 50 metros a norte da teca (Martorano 1992: 37 e 39; Costamagna e Sabbione 1990: 64; Fischer-Hansen et alii 2005: 276).

Sabemos que o santuário de Casa Marafioti abrigou um templo dórico, noticiado já nos tempos modernos por alguns viajantes franceses e italianos que passaram pela região da Calábria no século XVIII e XIX. Dois deles, os franceses Jean-Claude Richard De Saint Nôn³ e François Bielinski⁴, descreveram a área do templo e, principalmente, registraram que naquela época (décadas finais do século XVIII) duas colunas do templo ainda estavam em pé. Mas a primeira escavação sistemática do templo de Casa Marafioti foi realizada apenas em 1910, por Paolo Orsi, que publicou os resultados da pesquisa em um artigo na *Notizie Scavi* de 1911⁵ (apud Costabile 1992: 56). A primeira informação e impressão sobre a posição do templo na pólis e no terreno são fornecidas na parte introdutória do relatório, antes da descrição da escavação. Segundo Orsi, o templo estava sobre a extremidade de um breve terraço que a norte cai repentinamente 15 metros no vale Saitta. O sítio está dentro da cinta murária e possui uma vista privilegiada da costa. O local era propício para a construção do templo, pois a sua fachada recebia a saudação da aurora e visto a partir do mar deveria ser o mais notável da cidade (apud Costabile 1992: 57). O arqueólogo italiano encerra seu relato da escavação conjecturando acerca da divindade cultuada no templo de Casa Marafioti. Suas observações sobre o posicionamento do templo na paisagem da pólis – possíveis após semanas de trabalho ininterrupto no edifício – levaram P. Orsi a ser o primeiro a propor que o templo era provavelmente dedicado a Zeus, proposta que se confirmou décadas mais tarde (Martorano 1992: 39). Em 1959, foi descoberta a teca contendo as lâminas de bronze com informações sobre empréstimos feitos ao santuário de Zeus Olímpio, acontecimento que abriu a

(3) *Voyage Pittoresque ou Description des Royaumes de Naples et de Sicile* (1783).

(4) *Troisième Centaine que commence avec l'année 1791* (1791).

(5) O relatório foi publicado em Costabile 1992: 56-84.

discussão sobre o pertencimento ou não da teca ao santuário de Casa Marafioti.

Mesmo detendo pouca informação sobre a fundação do templo, a partir do achado de partes do estilóbato e de diversos elementos decorativos, P. Orsi conseguiu conjecturar o traçado da planta do templo dórico e, com mais facilidade, a aparência da fachada. No seu relatório, propõe que o templo tinha orientação leste-oeste, largura máxima (entre os perpendiculares da fundação) de 20 metros e o comprimento seria de 36 a 40 metros (20 x 36-40 metros). Portanto, tratava-se de um edifício longo e estreito e, por isso, de caráter arcaico. Talvez a cela fosse anfiprostila ou in antis, mas a largura e o comprimento sugerem uma perístasis inteira. Infelizmente, os capitéis e os restos dos tambores – que serviriam para estabelecer o comprimento exato do templo – são muito fragmentários para fornecerem informações sobre o tipo de módulo e o número de colunas (apud Costabile 1992: 80).

Após Paolo Orsi o templo foi estudado por alguns arquitetos e arqueólogos, como Dinsmoor, Gullini e Østby, que propuseram uma nova planta para o edifício. Mas a hipótese reconstrutiva mais convincente é a de E. Østby, que re-analisa os dados da escavação de Orsi e propõe novas interpretações sobre os remanescentes arquitetônicos do edifício. De acordo com os seus cálculos, o Olímpieion de Casa Marafioti muito provavelmente era um edifício períptero de 8 x 17 colunas. O diâmetro superior das colunas foi medido em 0,735 metros e o da base, ou inferior, entre 0,915-1,10 metros, caracterizando o templo como um dos menores edifícios perípteros construídos no mundo grego (Østby 1978: 31). Com relação à cronologia do edifício, P. Orsi datou-o do final do século VI a.C. com base no tipo de planta e nas poucas informações obtidas da análise dos capitéis. As terracotas – recuperadas em maior número e correlacionadas aos tipos de Metaponto – pertencem ao estilo da metade do século V a.C., indicando, nesse caso, que a estrutura da parte superior do templo deve ter sido refeita nesta época, assim como ocorreu com o templo de Marasà, em Lócris (em que foram refeitas a cornija e a sima) (apud Costabile 1992: 80-81). Já Østby propõe uma nova datação para o edifício – mais antiga – a partir dos elementos da elevação. As colunas com vinte caneluras sugerem uma data na segunda metade do século VI a.C., ao passo que as colunas

monolíticas e as proporções do capitel sugerem a primeira metade do século VI a.C. A partir da correlação arquitetônica com o templo de Atena em Posidônia e com o de Hera em Metaponto (Tavole Palatine) – os paralelos mais próximos ao Olímpieion lócrio – Østby conclui que o edifício pertence à segunda metade do século VI a.C., após 540/30 a.C. (Østby 1978: 34).

Alguns autores como Franciscis e Arias – reiteramos – conjecturam que o santuário de Zeus Olímpio pode estar na planície, nas proximidades do teatro; e não excluem a possibilidade de haver outros edifícios religiosos na zona, embora não tenham proposto nenhuma nova hipótese de localização (Costabile 1992: 39). Entretanto, uma proposta diferente localiza o santuário de Zeus Olímpio não em meio aos principais edifícios de Lócris, mas nos confins da pólis, próximo à fronteira com Régio. Esta hipótese já tinha sido colocada por François de Polignac, em 1995. Para ele, Lócris construiu o santuário de Zeus às margens do rio Halex para marcar e proteger a sua fronteira da poderosa Régio (de Polignac 1995: 103-104). De Polignac afirmou que o santuário de Zeus em Lócris era de tipo confinário, mas não desenvolveu a sua afirmação. A hipótese foi desenvolvida pela primeira vez por Giuseppe Cordiano, propondo – a partir do estudo de toponímios – que o rio Alece (a forma latina de Halex), mencionado nas lâminas de bronze 23, 30 e 31 e por Tucídides (III, 99), corresponderia hoje ao rio Galati Aranghìa, situado a sul de Lócris, na direção de Régio. O nome de um mosteiro situado na região desse rio (mosteiro de Santa Maria dell' Alica) indica que o Galati é o rio Alece, pois a palavra Alica tem a mesma origem desse nome. Além disso, uma pesquisa no Dicionario toponomastico e onomastico della Calabria revelou que o termo Lica significa Limpia que, por sua vez, equivaleria ao nome Olímpia. Nesse sentido, Lica-Alica pode significar Limpia-Olimpia / Limpio-Olimpio, portanto, a nascente de nome Olimpio (Cordiano 1998: 166). O toponímio, assim, indicaria um lugar de culto dedicado a um deus dito Olympios. Na zona da nascente Limpio estaria o santuário de Zeus do Alece, citado nas inscrições das lâminas, portanto, um santuário de confim dedicado a Zeus Olímpio. Aos dados de toponímio, então, Cordiano relaciona os dados topográficos e arqueológicos. No vale Morello (500 metros a noroeste da

nascente Limpio) uma anomalia geomorfológica no declive setentrional revelou ser uma espécie de plataforma horizontal quadrada orientada NO-SE, medindo 18,5 x 12 metros. A cerca de 20 metros a sudeste de tal anomalia há um traço de estrutura murária de blocos de calcário de c. 65 x 35 cm. Dentro de uma casa rural abandonada foi encontrada uma rocha que parece ser o resto de uma coluna de mármore ou um suporte para loutérion de 50 cm de altura e 32 cm de diâmetro (Cordiano 1998: 168-170).

O estudo de Cordiano baseado nos toponímios é interessante e pode estar certo. Mas, ao mesmo tempo, é frágil porque as evidências arqueológicas nas áreas citadas são escassas e podem não indicar uma área sagrada. Costabile comenta que as menções ao rio Halex nas lâminas de Lócris se referem às doações de terra, propriedade do tesouro de Zeus Olímpio, na área de fronteira com Régio (Costabile 1992: 164).

De toda maneira, é fato que existiu um Olimpiéion em Lócris Epizefiri. A atribuição do templo Marafioti a Zeus Olímpio é tardia, pois as lâminas datam do século IV e III a.C. Não há evidências textuais, epigráficas e numismáticas sobre o templo e a divindade contemporâneas ao templo (séculos VI-V a.C.). A ausência de evidências do período do edifício, porém, não impede que o santuário tenha ganhado a teca um ou dois séculos depois.

Em nossa dissertação de mestrado, onde traçamos diferenças e similaridades entre os santuários e templos construídos a Zeus Olímpio nos séculos VI e V a.C., oferecemos uma interpretação alternativa ao impasse da atribuição do santuário e templo Marafioti a Zeus Olímpio. Em razão das evidências problemáticas advindas do espaço sagrado (o muro Piretina e a distância entre a teca e o santuário), a análise arquitetônica do templo dórico encontrado por P. Orsi sob a Casa Marafioti – o Olimpiéion – e o contexto edilício da pólis forneceram elementos importantes para a elucidação do culto da maior divindade dos gregos em Lócris Epizefiri.

De acordo com a bibliografia específica do templo de Casa Marafioti, nenhum de seus estudiosos realizou um exame do edifício que contemplasse a associação de sua arquitetura e dimensões, sobretudo a de planta, com a dos demais templos de Zeus Olímpio (os Olimpiéia) construídos no mundo grego, nem tampouco

correlacionaram sua largura e comprimento com a dos templos de outras divindades⁶.

Conforme indica a dimensão proposta por Orsi, o templo Marafioti media 20 x 36 ou 40 metros. Se compararmos as suas medidas com os padrões de dimensão (largura e comprimento) dos Olimpiéia, veremos que o edifício lócrio teria sido, então, o menor templo dedicado a Zeus Olímpio no mundo grego (Fig.2). Vale dizer que os templos dedicados ao deus chegaram a atingir 55 x 110 metros e são considerados os maiores templos dóricos construídos na Grécia antiga. Ora, a largura do templo de Casa Marafioti é comparável somente à do Olimpiéion de Siracusa (c. 20 x 60 metros) – o menor edifício do deus do grupo daqueles atestados como Olimpiéia pelas evidências materiais e/ou textuais. O seu comprimento (36-40 metros), em contraste, é muito menor que o do edifício siracusano (60 metros), não se enquadrando, assim, como ocorre com a sua largura, aos padrões de comprimento dos Olimpiéia.

Para sabermos se as medidas do templo em Lócris se assemelhavam às de edifícios de outras divindades gregas, verificamos as dimensões padrões dos templos dedicados a Hera, Atena, Ártemis e Poseidon datados dos séculos VI e V a.C. (Tabela 1).⁷ Diante dos padrões específicos de dimensões de templos gregos – que se revelaram para Apolo, Hera, Atena, Ártemis e Poseidon –, ao nos voltarmos à análise do templo Marafioti em Lócris veremos que a sua dimensão de 20 x 36/40 metros é compatível com os edifícios consagrados a Apolo e Hera. Constatamos que a largura de 20 metros é própria de templos das duas divindades e que a dimensão de 20 metros de largura, associada a 35 metros, não se observa para templos gregos, ao passo que a dimensão de 20 x 40 metros ocorre na mesma proporção novamente apenas para Apolo (2) e Hera (2). Nesse sentido, se nos valermos somente dessas constatações para identificar a divindade do templo em Lócris, concluiríamos que o edifício era, então, dedicado a Apolo ou Hera.

Contudo, acreditamos que devemos levar em consideração, na nossa análise, também o contexto

(6) Sobre a versão completa dessa discussão, ver Laky 2011: 349-378.

(7) Sobre os critérios para a definição de dimensões aproximadas dos templos dedicados às divindades referidas, ver Laky 2011: 354, nota 284, e 356-365.

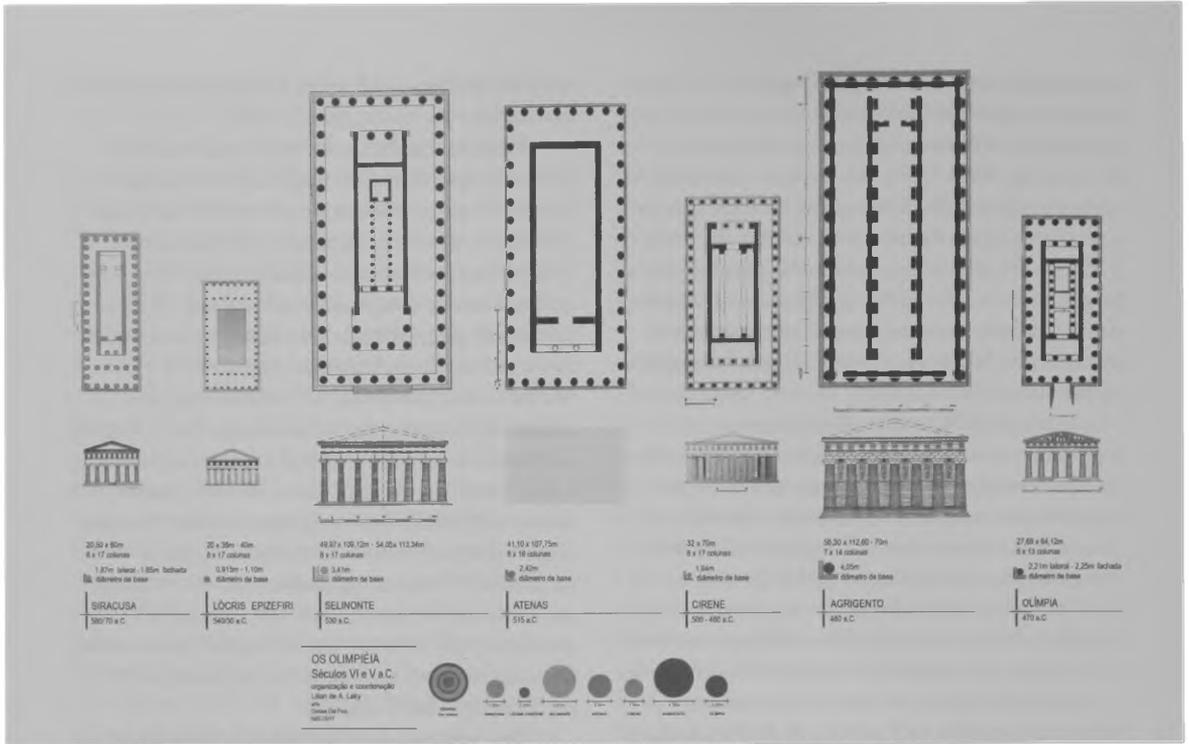


Fig. 2. Plantas, fachadas e dimensões dos Olímpieia (séculos VI e V a.C.) (Laky 2011: 351)

arquitetônico da pólis, isto é, a tradição que vigorava na cidade acerca da construção templária. Em Lócris Epizefiri predominaram santuários com construções mais simples, tais como naískoi com altares presentes nas áreas sagradas de Perséfone em Manella, Deméter em Parapezza e Afrodite em Centocamere. Dos oito santuários da pólis, apenas três receberam templos perípteros: os santuários de Atena em Mannella, de Afrodite em Marasà e o de Zeus Olímpio. A dimensão desses perípteros, considerando-se o templo de Casa Marafioti, não atingiu grandes proporções: o templo II de Afrodite em Marasà (550-500 a.C.) foi medido em 17,05 x 35,30 metros e o templo III (480 a.C.) alcançou 19 x 45 metros de dimensão, sendo maior, portanto que o templo Marafioti, de 20 x 36/40 metros. Sabemos que o templo de Atena era o menor períptero construído pela cidade, mas infelizmente não encontramos a sua dimensão na bibliografia consultada.

As dimensões dos templos perípteros e o baixo número de construções desse tipo na cidade demonstram que Lócris não alcançou o desenvolvimento arquitetônico de grandes templos como alcançaram as cidades da Sicília e do próprio sul da Itália. Diante desse contexto, descartamos a

ideia de que o templo de Casa Marafioti tivesse sido dedicado a outra divindade, como Apolo ou Hera, somente porque suas dimensões lhes são próprias. Além disso, não há documentado nenhum tipo de evidência que se refira ao culto desses dois deuses na cidade. Se as dimensões do templo Marafioti são muito inferiores em comparação a dos demais Olímpieia, isto se deve ao fato de que Lócris não tinha uma tradição de construção de grandes edifícios monumentais. Nesta perspectiva, consideramos que o templo dórico encontrado sob a Casa Marafioti é, de fato, o Olímpieion e representa uma exceção nos padrões de dimensão desses tipos de edifício. Foi, portanto, a nosso ver, o menor templo dedicado ao deus no mundo grego.

Assim, nesta comunicação procuramos demonstrar de que maneira análises contextuais (que não contemplam apenas evidências diretamente observáveis do espaço de uma dada área sagrada grega) de padrões arquitetônicos de edifícios específicos dedicados a uma determinada divindade, como é possível no caso de Zeus dito Olímpio, associados aos padrões de construções próprios de uma cidade, podem ser uma saída válida para se desvendar os cultos realizados em santuários e templos em pólis do mundo grego.

TABELA 1

| Dimensões aproximadas e quantidade dos templos de Zeus, Apolo, Hera, Atena, Ártemis e Poseidon nos séculos VI e V a.C. (Laky 2011: 365, tab.15) | | | | | | |
|---|------|-------|------|-------|---------|----------|
| Dimensões (metros) | Zeus | Apolo | Hera | Atena | Ártemis | Poseidon |
| 5 x 10 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 10 x 15 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| 10 x 20 | 0 | 2 | 0 | 2 | 1 | 0 |
| 10 x 25 | 0 | 1 | 0 | 2 | 0 | 2 |
| 10 x 30 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| 15 x 25 | 0 | 2 | 0 | 2 | 0 | 1 |
| 15 x 30 | 0 | 2 | 0 | 3 | 0 | 2 |
| 15 x 35 | 0 | 1 | 1 | 1 | 1 | 0 |
| 15 x 40 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| 15 x 45 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 0 |
| 15 x 50 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| 20 x 35 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 20 x 40 | 0 | 2 | 2 | 0 | 0 | 0 |
| 20 x 45 | 0 | 2 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| 20 x 50 | 0 | 2 | 2 | 1 | 1 | 0 |
| 20 x 55 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 20 x 60 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 25 x 55 | 0 | 0 | 1 | 1 | 0 | 0 |
| 25 x 60 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| 25 x 65 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 30 x 60 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 30 x 70 | 1 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 |
| 40 x 85 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 40 x 105 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 50 x 105 | 0 | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 |
| 50 x 110 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 |
| 55 x 110 | 1 | 0 | 1 | 0 | 1 | 0 |

LAKY, L.A. The attribution of the sanctuary of Casa Marafioti to Zeus Olympios in Lokroi Epizephyrii: an exercise of archaeological interpretation. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, Suplemento 11: 151-158, 2011.

Abstract: In this article we present the interpretive ways that led us to the assignment of the sanctuary of Casa Marafioti to Zeus Olympios located in the polis of Lokroi, in the present-day Italian region of Calabria. In the literature on the city remains doubts about the belonging of the sacred area and its Doric temple to the deity due both to the lack of evidences that identify the deity worshiped in the sanctuary and to the unknown function of an ancient Greek wall that separates the sanctuary and the archives of Zeus Olympios in the vicinity. Faced with problematic evidences from the sacred space we show how the Doric temple, associated with the architecture of the other Olympieia, and the edilício context of the polis provided alternative and important elements for the elucidation of the cult of the Greatest god of the ancient Greeks in Lokroi Epizephyrii.

Keywords: Lokroi Epizephyrii – Zeus Olympios – Olympieion.

Referências bibliográficas

- BAILLY, A.
2000 Dictionnaire Grec Français. Paris: Hachette.
- CORDIANO, G.
1998 Lo Zeus dell' Alece: una proposta di localizzazione. *Gerión*, 16: 161-175.
- COSTABILE, F. (Org.)
1992 Polis ed Olympieion a Locri Epizefiri. Costituzione, Economia e Finanze di una città della Magna Grecia. Catanzaro: Rubbetino Editore.
- COSTAMAGNA, L.; SABBIONE, C.
1990 Una Città in Magna Grecia. Locri Epizefiri. Guida Archeologica. Reggio Calabria: Laruffa Editore.
- DE POLIGNAC, F.
1995 Cults, territory and the origins of the Greek city-state. Chicago; Londres: The University of Chicago Press.
- FISCHER-HANSEN, T.; NIELSEN, T.H.; AMPOLO, C.
2005 Lokroi (s.v.). In: Hansen, H.H.; Nielsen, T.H. (Orgs.) An Inventory of Archaic and Classical Poleis. Oxford: Oxford University Press: 273-279.
- GRECO, E.
2008 Guide Archeologiche Laterza - Magna Grecia. Bari: Editori Laterza.
- LAKY, L.A.
2011 Olímpia e os Olimpíeia: a origem e difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia dos séculos VI e V a.C. Dissertação de mestrado. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia-USP.
- MARTORANO, F.
1992 L'Olympieion ed il suo Temenos. In: Costabile, F. (Org.) Polis ed Olympieion a Locri Epizefiri. Costituzione, economia e finanze di una città della Magna Grecia. Catanzaro: Rubbetino Editore: 37-39.
- ØSTBY, E.
1978 The Temple of Casa Marafioti at Locri and some related buildings. *Acta Arch. Art. Hist. Inst. Rom. Novegiae*, I (8): 25-47.